

Minas Gerais



DONA MARINALVA: RAÍZES, RESISTÊNCIA E AMOR PELA TERRA

Marinalva Medina Moraes nasceu na comunidade Lagoa Encoberta, no município de Itaobim (MG). Cresceu na região de Monte Formoso, vivendo desde pequena a realidade da agricultura familiar. Com apenas 7 anos de idade, já ajudava sua mãe na roça. Plantava, cuidava da casa e aprendia os trabalhos do dia a dia no campo.

A vida nem sempre foi fácil. Muitas vezes sua mãe não tinha condições de manter todas as despesas da casa. Por isso, Dona Marinalva saía para trabalhar na Taboca, comunidade rural de Ponto dos Volantes (MG), conseguia um dinheiro e depois voltava para ajudar a família. Naquela época, plantavam arroz, feijão e mandioca. Hoje, além desses, cultiva milho, café, manga, laranja, limão e outras variedades. Ela diz que seus pais sempre incentivaram o aprendizado sobre a terra e ensinaram a importância de plantar para garantir o sustento da família.

Depois de casar, ela e o marido se mudaram para Praia Grande, interior de São Paulo, e ficaram lá por cinco anos, em busca de uma renda melhor para construir a casa da família. Mesmo longe, Dona Marinalva nunca perdeu o amor pela roça.

O marido ajudava no cultivo enquanto era vivo, hoje os filhos seguem o exemplo, trabalhando ao lado da mãe desde pequenos. Ela fala com empolgação: *“Eu não gosto de ficar dentro de casa, eu gosto de ir pra roça.”* Apesar das dificuldades do campo, ela não pensa em sair dali. Ama viver perto da família e acredita que a terra dá o alimento que sustenta todos.

Sua rotina começa cedo: acorda às 6 horas da manhã, faz o café e, às 7 horas, já está na roça cuidando das plantas. Volta, prepara o almoço, cuida dos animais e segue nos afazeres do dia. Todas as sementes usadas no plantio são sementes crioulas, guardadas de uma colheita para outra. Às vezes, sua mãe possui uma variedade diferente e elas fazem trocas de sementes para diversificar o cultivo.

“Aí eu pego e já guardo quando colho, pra no outro ano nós plantar. É assim que nós faz.”

Quando a produção é maior, Dona Marinalva gosta de dividir com os vizinhos, pois acredita muito na partilha e na ajuda entre as famílias da comunidade. Ela também produz farinha todos os anos. Uma parte fica para o consumo da família e o restante é vendido na comunidade. Segundo ela, a farinha vende muito rápido.



Esse espírito de união também aparece na troca de mão de obra entre os vizinhos. Quando alguém precisa de apoio no serviço da roça, ela e os filhos ajudam, e quando sua família precisa, os vizinhos também estão presentes. Para Dona Marinalva, essa parceria fortalece a comunidade e mostra a importância de um cuidar do outro no campo.

Hoje, Dona Marinalva conta com um apoio importante dentro de casa: sua filha Raquel, técnica em agropecuária formada pela Escola Família Agrícola no regime de alternância. Raquel traz conhecimentos técnicos para melhorar a produção sem perder a tradição da família. *“Algumas técnicas que vejo como melhoria, eu trago e ajudo mãe. Sempre aconselho a gente tentar de uma forma diferente.”*

Com o conhecimento da filha, Dona Marinalva aprendeu novas formas de cuidar da terra. Hoje, os ciscos não são mais queimados. Eles são mantidos e usados na compostagem para adubar a terra. As cinzas também são aproveitadas nas hortas como adubo natural.

Para Dona Marinalva, um dos maiores desafios do campo é a falta de oportunidades para os jovens. Ela fica triste ao ver muitas pessoas indo embora da comunidade em busca de emprego. Mesmo assim, acredita que muitos sonhos também podem ser realizados vivendo e trabalhando no campo.

Uma palavra que define Dona Marinalva é gratidão. Ela agradece a Deus em todos os momentos, quando a colheita é boa, tanto quando enfrenta dificuldades.

“Agradecer a Deus por tudo, e pedir a Ele saúde para sempre nos cuidar.”





Com a chegada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) em 2026, uma política pública de descentralização do acesso à água, Dona Marinalva sonha em aumentar ainda mais sua produção. Seu desejo é produzir alimentos variados durante todo o ano para o consumo da família e também ter excedente para vender na feira e compartilhar com os vizinhos.

Para ela, a solidariedade sempre multiplica e rende bons frutos.

